



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JHONATTA KLEBER DA SILVA SANTOS

**REZADEIRAS E BENZEDEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE: PRÁTICAS DE
CURA OU DE BRUXARIA?**

GUARABIRA-PB

2024

JHONATTA KLEBER DA SILVA SANTOS

**REZADEIRAS E BENZEDEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE: PRÁTICAS DE
CURA OU DE BRUXARIA?**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado ao Departamento
do Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de licenciado em
História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA-PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Jhonatta Kleber da Silva.
Rezadeiras e benzedeadas na contemporaneidade: práticas de cura ou de bruxaria? [manuscrito] / Jhonatta Kleber da Silva Santos. - 2024.
30 f.

Digitado.
Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História - CH".
1. Práticas mágicas. 2. Bruxarias. 3. Benzedeadas. 4. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 133.430981

JHONATTA KLEBER DA SILVA SANTOS

REZADEIRAS E BENZEDEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE: PRÁTICAS DE
CURA OU DE BRUXARIA?

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentada ao
Departamento do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

Aprovada em: 21 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SUSEL OLIVEIRA DA ROSA**
Data: 06/11/2024 15:29:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 **NAIARA FERRAZ BANDEIRA ALVES**
Data: 21/06/2024 11:38:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Naiara Ferraz Bandeira Alves.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente
 **WALDECI FERREIRA CHAGAS**
Data: 21/06/2024 12:24:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha querida mãezinha, por ser além de um exemplo, minha maior fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Maria da Silva Santos, minha mãe, a principal inspiradora de minha busca por conhecimento e a todas as pessoas que me acompanharam durante esse processo, aos amigos, parentes, companheiros de curso, e professores.

Agradeço em especial ao meu amigo Leandro um dos principais companheiros de viagem que tornou por muitas vezes a distância e a fadiga da viagem imperceptíveis, sendo ele o principal responsável por minha volta ao curso.

Agradecer também ao amigo Onildo por também contribuir e perseverar juntamente comigo para o término de nosso curso. As companheiras Ana Karla e Thalita Kadija, pelas tardes maravilhosas que ficávamos a vagar pelo campus.

Agradeço imensamente a todos os professores que fizeram parte de minha formação, em especial a Alômia Abrantes, Waldeci Ferreira Chagas, Mariângela Nunes, e ainda mais especial a professora Susel Oliveira, por toda atenção, cuidado, ensinamentos e carinho.

A todos os funcionários da UEPB, em especial, Rilane Torres e Diego Paulino, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo demonstrar através de uma pesquisa bibliográfica, a sobrevivência das práticas mágicas criminalizadas pela igreja católica nos quatro séculos de caça às bruxas. Procuramos encontrar as possíveis ligações entre as formas de manifestação popular do poder de cura do período Medieval e as práticas de cura das benzedadeiras, rezadeiras, curandeiras, parteiras, entre outras, nos dias atuais. Embora o assunto seja muito interessante a bibliografia ao seu respeito é um tanto resumida, mesmo assim, é possível demonstrar que as práticas de cura realizadas pelas mulheres sofreram transformações ao longo da História, incorporando outros elementos a seu acervo de conhecimentos, alterando muitas vezes seus significados, mesmo assim, seguem ajudando pessoas nos mais variados aspectos e lugares do mundo atual. Nesse sentido, é importante registrar tais práticas que aos poucos estão desaparecendo, é preciso que não se deixe apagar uma cultura tão importante.

Palavras chaves: práticas mágicas; bruxarias; benzedadeiras; mulher.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo demostrar, a través de una investigación bibliográfica, la supervivencia de las llamadas prácticas mágicas criminalizadas por la Iglesia católica en los cuatro siglos de caza de brujas. Buscamos encontrar posibles conexiones entre las formas de manifestación popular del poder curativo en el período medieval y las prácticas curativas de los curanderos por fe, curanderos de oración, curanderos, parteras, entre otros, en la actualidad. Aunque el tema si bien es muy interesante, la bibliografía al respecto es un tanto resumida, aun así es posible demostrar que las prácticas curativas llevadas a cabo por las mujeres han sufrido transformaciones a lo largo de la historia, incorporando otros elementos a su base de conocimientos, cambiando muchas veces sus significados, incluso así, continúan ayudando a personas en los más variados aspectos y lugares del mundo actual. En este sentido, es importante dejar constancia de estas prácticas que poco a poco van desapareciendo, y no debemos permitir que se borre una cultura tan importante.

Palabras clave: prácticas mágicas; brujería, benzedeiras; mujer.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	8
2- A CONSTRUÇÃO DA BRUXA.....	12
3- O SINCRETISMO DAS BENZEDEIRAS NO BRASIL.....	16
4- OFÍCIO EM VIAS DE EXTINÇÃO.....	20
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1- INTRODUÇÃO

As práticas mágicas apontadas como bruxaria, que foram criminalizadas no período mais conhecido como a caça às bruxas, sobrevivem e chegam aos nossos dias. Mesmo com toda forma de repressão contra as mesmas, essas práticas, que na maioria das vezes se manifestavam em atos de cura e proteção de males naquele período, resistem e sofrem transformações incorporando novos elementos a seu acervo de conhecimentos, alterando muitas vezes seus significados, mesmo assim tais práticas seguem ajudando pessoas nos mais variados aspectos e lugares do mundo atual, e são as benzedadeiras/rezadeiras, curandeiras, entre outras, as detentoras do conhecimento herdado das mulheres que perseguidas pela igreja e sociedade, muitas vezes perdiam suas vidas. As principais agentes e transmissoras dessas práticas mágicas de cura foram as mulheres, que portadoras de um poder e de um conhecimento grandioso capaz de lidar com os problemas relacionados à vida e a morte, passam a figurar como uma ameaça aos saberes científicos, médicos e religiosos de seu tempo, saberes esses onde existia um predomínio do masculino, e assim as mulheres sábias tornaram-se um mal a ser combatido. Quer dizer que não existiam homens que praticavam esses atos de cura? Têm-se conhecimentos de homens que praticavam esses atos mágicos, porém é mais comum sabermos da existência de mulheres que foram acusadas e/ou condenadas por realizarem tais práticas, os casos que em que mulheres iam a julgamentos são numericamente superior ao dos homens, a Bruxa era o mal a ser combatido. A mulher foi considerada por natureza compatível com essa atividade maléfica. A fraqueza da mulher, sua sexualidade desenfreada, sua pouca inteligência sua lubricidade (TOSI,1998.) faziam da mulher a vítima perfeita as investidas de satã. Esses argumentos passaram a guiar o processo de criminalização da mulher que embora já viesse sendo construído há séculos (PORTELA, 2017), é justamente no medievo que essa criminalização do feminino ganha força e destaque (DELUMEAU, 2009), materializando-se em documentos institucionais que atribuem à mulher a causa e a representação de toda negatividade que se possa imaginar para aquele período. Segundo Tosi (1998), até o século XV as mulheres até podiam desempenhar algumas funções e ofícios sendo tolerados pelas sociedades civil e religiosa, mas que a partir momento (século XV.) as mulheres que não estivessem sob a tutela de um homem, poderiam facilmente ser tidas como suspeitas. Tosi nos mostra alguns números que demonstram o quanto as mulheres foram responsabilizadas pelos crimes de bruxaria pela inquisição, e é

alarmante o percentual de processos que envolveram mulheres, segundo ela: 82% na Alemanha, 85% na Escócia e na França, 66% na Suíça, 76% no Luxemburgo, 92% na Bélgica, 92% na Inglaterra. Com isso podemos claramente notar o predomínio do feminino nas atividades mágicas de curas ancestrais. Nos dias atuais também é sabido que existem homens que praticam o ofício da cura e da benzeção, mas da mesma forma que ocorre com as práticas ancestrais também são bem escassos os casos de homens que se dedicam a tais práticas. O fato de existirem homens que se dedicam ao ofício de cura e benzeção, pode ficar mais claro se observarmos em alguns dos depoimentos de rezadeiras que afirmam que o ofício, os ensinamentos, a passagem dos conhecimentos e das rezas só podem ser feitos de forma cruzada entre os sexos, mulher ensina pra um homem ou um homem ensina pra uma mulher. Porém como veremos mais à frente isso não é uma regra, pois cada rezadeira tem uma tradição de como repassar seus conhecimentos, assim podemos afirmar tanto pelos números dos processos inquisitoriais (acusação de bruxaria) como pela literatura a respeito das práticas de cura das benzedeadas, que esses saberes, essas práticas, são predominantemente femininas.

Este trabalho objetiva demonstrar através de uma revisão bibliográfica, as possíveis ligações entre as práticas mágicas de cura realizadas pelas mulheres que foram acusadas de bruxaria no período Medieval – e mesmo depois dele – e as realizadas em nosso cotidiano pelas rezadeiras/benedeadas entre outras, buscando contribuir para estudos futuros sobre essa tão importante temática.

Embora o assunto seja muito interessante a bibliografia ao seu respeito é um tanto resumida mesmo assim é possível demonstrar que as práticas de cura apontadas como bruxaria não sucumbiram às diversas tentativas de erradicá-las e ainda existem. Como também podemos observar a necessidade de registrar tais práticas que aos poucos estão desaparecendo. É preciso que não se deixe apagar uma cultura tão importante, importante em vários sentidos, porém julgamos ser o mais importante deles a representação da resistência do saber popular, e, sobretudo a resistência da mulher, visto que as maiores atrocidades foram feitas a esse grupo por inúmeros motivos. Assim é inadmissível que tais conhecimentos deixem de existir ou que se apague uma herança que custou tão caro a milhares de pessoas sendo em sua maioria mulheres acusadas de bruxaria, julgadas e condenadas pela Igreja católica Apostólica Romana do seu tempo.

Temas que abordam de alguma forma a religiosidade dos povos estiveram por muito tempo atraindo minha atenção. Desde que iniciei o curso de História que as questões culturais

me atraem, e a religiosidade, o universo mágico, as mitologias que fazem parte da vida dos seres humanos e que quase sempre guiaram seus modos de viver, pensar e agir, fizeram-me sentir convidado a mergulhar nesse universo, buscando conhecê-lo e fazer com que conheçam.

Esse trabalho vem sendo construído já há algum tempo, originalmente fruto de uma atividade para compor a nota de um componente curricular do curso, sendo que a ideia primeira era falar sobre as práticas que foram tão combatidas pelo cristianismo, mas que foram assimiladas por este, sendo usadas até os dias atuais. A ideia estava bem próxima do trabalho que temos hoje, porém o foco não seria nas práticas das rezadeiras, mas sim nas instituições religiosas cristãs contemporâneas, mas essa ideia nem passou do título. Nesse mesmo período do curso estava eu matriculado no componente História Medieval II ministrada pela Professora Alômia e uma das atividades para avaliação foi um seminário e “magicamente” o tema que fiquei para apresentar foi sobre magia e feitiçaria no medievo. Ao começar a fazer as pesquisas sobre o assunto foi impossível não perceber a semelhança entre as práticas das mulheres acusadas de bruxaria e as mulheres que atualmente seguem a realizar práticas de cura, completando a ideia que eu já tinha em falar sobre as práticas mágicas.

Porém acredito que existem coisas além que me fizeram querer escrever e trabalhar com esse assunto, acredito também que é difícil explicar em sua totalidade, contudo é possível pontuar mais algumas; o contato com as aulas da Professora Susel e também com as do Professor Waldeci me mostraram o quanto que a maioria das pessoas negligenciam suas origens, e estava eu entre essas, a ponto de não perceber que sempre estive mergulhado no universo de práticas antigas de cura. Após receber esse esclarecimento e buscar conhecer minhas origens descobri que essas práticas sempre estiveram presentes em minha vida. Meus bisavôs realizavam práticas de cura, minha avó paterna era de religião de matriz africana e com isso também rezava, uma das minhas irmãs se tornou Mãe de Santo e também reza as pessoas que a procuram para tal. Assim sempre estive rodeado por essa cultura, prova disso é ter nascido em casa, tomado a primeira vacina aos 11 anos (por curiosidade) ter ido receber cuidados médicos pela primeira vez aos 25 anos pois de resto todos os cuidados de saúde para comigo foram feitos por minha mãe que muito conhecia dessas práticas utilizando chás etc. ou pelas próprias rezadeiras do bairro. O fato de estar inserido nesse universo tornou a pesquisa muito mais prazerosa, pois muitas das coisas que eu cresci vendo minha mãe fazer - pendurar crianças dentro de potes d'água para, curar ventre caído, colocar fiapo da fralda na testa, para curar soluço- eu encontrei como sendo práticas muito antigas e que passaram de geração a geração.

Outro motivo pelo qual achei que é preciso trabalhar com essa temática é o fato de que essas mulheres que tanto cuidam das pessoas estão desaparecendo, e tem dificuldade de encontrar outras pessoas que queiram dar continuidade a esse ofício. As principais rezadeiras que conheci já partiram, certamente sem ter tido o reconhecimento da importância que tiveram para a sociedade. Por isso julgo importante conhecer e fazer ser conhecido o universo dessas mulheres.

No decorrer do trabalho dialogaremos com autores que se empenharam a tratar sobre o assunto aqui estudado e assuntos que se relacionam de alguma forma ao nosso tema. Os trabalhos de Pierone (1991), Nogueira (1995) Delumeau (2009), Del Priore (2010) Portela (2017), GILL (2010), SANTOS (2007, 2009) CÂMARA (2020) entre outros, iram auxiliar-nos em nossa tarefa.

Dividimos o trabalho em três subtítulos/momentos onde no primeiro intitulado, *A construção da bruxa*, faremos uma passagem breve nos acontecimentos históricos que provavelmente foram os responsáveis pela demonização das mulheres, e sobretudo as que demonstravam conhecimentos em relação às práticas mágicas entre outras manifestações de poder no período Medieval, que conseqüentemente as levavam à fogueira. No segundo, *O sincretismo das benzedadeiras no Brasil*, como fala o próprio título analisaremos o sincretismo das benzedadeiras e curandeiras que na construção de nossa nação foram mesclando seus conhecimentos e se adaptando às novas realidades. Para tal faremos uso dos trabalhos de autores que se empenharam nessa pesquisa, que demonstra o misto de religiosidade que envolve as praticantes de benzeduras em nosso país. No terceiro e último, *Prática de cura das benzedadeiras, ofício em vias de extinção*, demonstraremos as práticas das benzedadeiras atuais, transcrevendo e comparando algumas de suas orações, tanto entre benzedadeiras contemporâneas, como entre estas e suas ancestrais. Falaremos a respeito da dificuldade que as benzedadeiras encontram em repassar seus conhecimentos de benzeção e cura. E ao fim falaremos a respeito de nossas impressões e experiência em ter realizado esse trabalho.

2- A CONSTRUÇÃO DA BRUXA

Práticas mágicas utilizando elementos da natureza para fins de cura dos males do corpo e da alma, realizadas por mulheres que por meio da ancestralidade herdaram os conhecimentos necessários para compreender e intervir na vida e na saúde dos seres, nos remete há tempos que antecedem o período conhecido como Medieval. Mas é certamente no medievo que se começa a sistematizar uma depreciação das atividades dessas mulheres por meio de tratados de demonologia que associava as práticas mágicas às artes de satã que tinha como suas representantes na terra as ditas bruxas. Segundo Tosi (1998) até o século XV existia um grande quantitativo de mulheres que viviam sozinhas, solteiras ou viúvas carentes de recursos e que muitas dessas ganhavam a vida mediante o comércio nas feiras, e que essa atividade era aceita pelas autoridades, porém é a partir desta data que as coisas começam a mudar, as mulheres que não estivessem sob o domínio de um homem seriam consideradas suspeitas. As constantes tentativas de depreciar os saberes femininos se materializam na criação de tratados de demonologia que vão se empenhar na demonstração de que as mulheres são as criaturas perfeitas para ceder aos caprichos e tentações do demônio, qualquer forma de poder esboçado por mulheres não teria uma explicação que não fosse a de ter sido adquirido através de pactos feitos com satã. (Tosi, 1998; Zordan, 2005). Um dos manuais inquisitórios que se tornou famoso e que certamente fora muito usado em processos relacionados à bruxaria, o *malleus maleficarum*, dentre vários motivos elencados para que a mulher seja o alvo preferido de satã, há um que diz que a mulher é imperfeita por natureza, pois a primeira mulher, Eva, teria sido criada de uma costela torta de peito de homem.

Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido criada a partir de uma costela recurva, ou seja, de peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como virtude dessa falha a mulher é animal imperfeito sempre decepiona e mente. (SPRENGER e KRAMER, 2021, p. 158).

Como já mencionado essa depreciação do feminino, já vinha a ser construída paulatinamente há alguns séculos, o próprio texto do *malleus maleficarum* contém inúmeras citações bíblicas, entre outras obras que serviram de base para seus argumentos. Se repararmos as próprias mitologias da criação da humanidade foram transformando as divindades criadoras femininas em divindades masculinas, como por exemplo, na mitologia grega, é uma deusa mãe (Gaia) quem dá origem a tudo. De acordo com Rose Marie Muraro (2021), aos poucos foram

se modificando os personagens principais na criação do universo caminhando para o quase desaparecimento de divindades femininas com protagonismo na criação, sendo por vezes as divindades femininas destronadas por um Deus macho que cria o mundo sozinho, como é o caso do nosso mito judaico-cristão, onde Javé é o Deus criador único e todo poderoso. Temos assim uma longa trajetória de desvalorização da mulher que operou durante milênios inferiorizando-as e as transformando em causadoras de mal.

De acordo com Zordan:

Uma análise da farta literatura sobre o assunto nos mostra que a caracterização da bruxa que vigorou durante a Inquisição, ressoando até os dias de hoje, constitui-se como um dos elementos mais perversos produzidos na sociedade patriarcal do Ocidente. (ZORDAN, 2005, p. 332).

Essa depreciação do feminino é milenar e foi paulatinamente se configurando com o passar dos séculos, porém o triunfo do catolicismo acentua e acelera esse processo de inferiorização da mulher, e a transformação das mulheres sábias em inimigas da cristandade.

De religião perseguida à religião oficial do império, o cristianismo praticado pela Igreja Católica Apostólica Romana, quebra o equilíbrio social e daí por diante assume uma posição beneficiada naquela sociedade como nos diz Ludmila Noemi dos Santos Portela:

O discurso cristão construiu-se, ao longo da Idade Média, como um discurso fortemente legitimador do cristianismo frente a outros grupos de poder, com forte capacidade de imposição de parâmetros depreciativos àqueles que estivessem fora dos limites da religião auto representada como única e verdadeira. O processo de construção e legitimação do poder do cristianismo deu-se com a inversão do equilíbrio social de um grupo até então inferiorizado pelos romanos e pela comunidade que os cercava. O poder de contra estigmatização do cristianismo possibilitou que o mesmo passasse de grupo inferiorizado à ocupante das mais altas categorias de poder no ocidente europeu medieval, de forma a influenciar sobremaneira o pensamento e o funcionamento daquela sociedade. (PORTELA, 2017, p.201).

Na tentativa de garantir a sua supremacia, a Igreja Católica Apostólica Romana após assumir o *status* de religião oficial do império Romano, caminha para um processo de cristianização do ocidente, inicialmente de forma, digamos, menos truculenta e mais estratégica.

A destruição a obliteração – a sobreposição dos temas, das práticas e imagens cristãs aos correspondentes antecessores pagãos - e a desnaturalização – o mais importante dos processos: a conservação mais ou menos parcial das formas acompanhada de uma profunda e radical mudança de significados (Le Goff, 1980, p.211. apud NOGUEIRA, 1995 p. 35).

Assim a luta contra o paganismo seguia de forma paulatina sobrepondo o cristianismo às antigas crenças. Porém com o passar do tempo com processo de cristianização do ocidente quase que completo, e a igreja assumindo uma posição relevante como uma das instituições mais importantes da Idade Média, toma ciência do poder que possui, sabe da força de seu discurso em dar legitimidade a seus atos - tudo isso por se tratar da vontade de Deus-, e assume uma postura diferente com relação às ameaças que aparecem com mais frequência, e com isso toda e qualquer ação que fosse feita, de um simples culto, uma cura ou até mesmo ter pensamentos que divergissem com os da santa igreja, seriam apontados e julgados a depender do caso como heresia ou como práticas demoníacas (PORTELA,2017). Interessa-nos nesse momento a segunda opção, pois baseada em um dualismo maniqueísta onde Deus e o Diabo, entidades antagônicas, medem força na busca de levar as almas das pessoas ao paraíso (Deus) ou levá-las ao inferno (Diabo). Sendo a igreja católica representante oficial do único e verdadeiro Deus todas as crenças divergentes dessa, logo se tornariam fruto das artes de satã.

Segundo Portela (2017):

As ações comandadas por homens de fé, que obedecessem aos rituais da Igreja, como o poder da água benta ou a cura pela intercessão dos santos, eram aceitos e apregoados nos círculos cristãos. Todo o resto era obra de Satã, tornando-se abominável e condenável. (PORTELA, 2017, p. 213).

Com isso nota-se a exclusividade que a igreja tanto estimava nos processos que envolvessem cura ou qualquer tipo de manifestações de poder, tornando as práticas mágicas, que não fossem realizadas pelos seus agentes proibidas e passíveis de punição. Logo, feitiçaria, adivinhação, confecção de porções com poder de cura, entre outras práticas de proteção estariam ligadas às artes do inimigo de Deus e da igreja.

Para curar os males que por vezes se faziam presentes em suas vidas, as pessoas recorriam às mulheres detentoras de conhecimento e poder de cura. Assim é aceitável dizer que a busca por pessoas que sabiam ou diziam saber e ter conhecimento de assuntos que daria a

resposta aos males que os afligiam, era comum aos homens e mulheres da Idade Média, pois “os homens do medievo encontravam-se submersos em uma série de crenças reais ou imaginárias capazes de sustentar o equilíbrio dos acontecimentos que o circundavam”. (PORTELA, 2017, p. 209).

Tomemos como uma referência a seita de culto agrário pesquisada por Carlo Ginzburg, a qual seus praticantes, os benandantes, combatiam contra os feiticeiros em defesa das colheitas

Pietro Rotaro cujo filho está morrendo por um mal misterioso, Sgarbariza soube que numa aldeia próxima, Iassico, vive um certo Paolo Gasparutto que cura os enfeitiçados afirma “vagabundear a noite com feiticeiros e duendes” [...] Gasparutto após ter declarado ao pai do menino enfermo que “ a criança tinha sido vítima de um malefício das bruxas, mas que no momento do feitiço chegaram os vagabundos e arrancaram-na das mãos das bruxas e que, se não lhes tivessem retirado das mãos ela teria morrido. (GINZBURG, 2010, p. 18).

Nota-se nesta passagem mais uma vez o antagonismo que é criado entre os indivíduos que promovem curas ou desfazem malefícios e as bruxas, uma vez que o discurso da igreja juntamente com suas ações “transportaram as praticantes de magia de sua negatividade ética, contraria aos desígnios da igreja para integrar-se no mal cósmico em toda sua plenitude” (NOGUEIRA,1995).

A institucionalização da violência materializada na caça às bruxas que se inicia na Europa “constituiu-se como um dispositivo que, segue ardente no presente, e fornece contornos para as perseguições, violências e assassinatos praticados contra diferentes mulheres” (FEDERICI, 2019 apud MARTINS; CLARINDO; CAMPOS, 2023, p.204). Com isso notamos que toda essa sistematização de desvalorização do feminino que toma forma na Europa, legou às sociedades ocidentais a cultura de caçar, emudecer, desvalorizar, e combater o feminino, estendendo sua caça às bruxas aos territórios em que a cultura europeia se fez presente e fazendo com que essa violência resista contra a resistência das mulheres que resistiram, e que seguem fazendo. E nos dá testemunho deste resistir, a sobrevivência das práticas tão combatidas pela igreja que tenta acabar com a bruxa e seu conhecimento, pois a bruxa não foi erradicada e existe até os dias atuais seja camuflada ou reinventada, fazendo uso de outras nomenclaturas, seja como benzedeira, rezadeira, curandeira, parteira; elas seguem entre nós. (CÂMARA, SANS-MINGO, CÂMARA,2016; MARTINS; CLARINDO; CAMPOS,2023; CÂMARA,2020.).

3- O SINCRETISMO DAS BENZEDEIRAS NO BRASIL.

Na condição de uma nação colonizada é inegável a influência cultural que recebemos dos colonizadores que ao chegarem a essa terra, tentam sobrepor sua cultura a tudo e a todos como de costume desde as civilizações antigas.

A mescla entre os saberes e culturas dos agentes presentes na colônia deu origem a novas formas de manifestações religiosas, práticas de cura, modo de viver e agir que embora parecesse prevalecer a cultura do dominador europeu, fez-se presente a incorporação das culturas indígenas e africanas tão combatidas por aqueles. As práticas religiosas e de cura dos originários em interação com a religião oficial do colonizador e posteriormente com a dos escravizados por este trazidos (CÂMARA, SANS-MINGO, CÂMARA, 2016), resultou em um sincretismo singular a essa colônia. Além disso, podemos acrescentar os saberes que atravessaram gerações e que agora atravessam os mares para contribuir com os conhecimentos já existentes através das bruxas, que perseguidas e condenadas, mas negando diante do Tribunal do Santo Ofício os feitos que lhes foram atribuídos tinham seus bens sequestrados e recebiam como pena ao invés da morte, ser degredadas nas colônias portuguesas. (PIERONI, 1991, p. 172)

Ao pensarmos nessa confluência de culturas e saberes, no que diz respeito aos saberes Europeus é preciso que nos lembremos que é na Europa que estão com todo fervor os processos inquisitoriais que usavam muitas vezes como punição o já mencionado degredo nas colônias. De acordo com Gilberto Freyre (2004), havia durante o século XVI uma preocupação dos colonizadores em manter a unidade religiosa na colônia do Brasil, ser católico era o principal requisito para ser admitido como colono no Brasil “ só importando às autoridades coloniais que fossem de fé ou religião católica” , fato que posteriormente nos parece ter sido relaxado, pois os degredados em sua maioria eram pessoas julgadas por heresias, cristãos novos, feiticeiros, bruxas entre outros que tinham formas de crenças e práticas que destoavam aos preceitos católicos. Em nosso caso nos interessa em especial as práticas ditas supersticiosas de cura, bruxaria e feitiçarias e seus praticantes, pois o contato com essa cultura nos dá um elo muito forte entre as antigas tradições de cura, benzeção, bruxaria e feitiçaria, vindas da Europa e as práticas de cura e benzeção que temos nos dias atuais, e que estiveram presentes durante séculos em nosso país.

. Nesse sentido Pierone (1991) expõe:

Leonor Gonçalves, solteira, natural da Vila de Frades, acusada de feitiçaria, superstição e pacto com o demônio, foi presa pela Inquisição de Évora aos 15 de fevereiro de 1675. Leonor, "a Lança" de alcunha, tirou do altar da Igreja da Misericórdia da Vila de Frades, um pedaço de ara para com ela fazer certos feitiços com intuito de curar os doentes. Fazia nove fervedouros para os quais trazia lenha de sete lugares, água de sete fontes e vinho de sete tabernas. Como o feitiço era devido a certas mulheres, levava uma coisa de cada uma delas, pondo-as a ferver dentro de uma panela, sob a qual colocava uma cruz de pau, enquanto rezava de contas na mão. [...] Leonor não sabia a sua idade, mas era filha de João Gonçalves e Maria Gonçalves, ficou oito anos presa antes de sair em auto da fé no dia 28 de março de 1683. Foi degredada para o Brasil. (PIERONI, 1991, p.172).

Podemos observar nesse trecho que mesmo antes de termos o encontro das culturas, europeias, indígenas e africanas em nossas terras, já é possível notarmos algumas semelhanças entre a ritualística para fazer a cura apontada no fragmento acima, e as que são praticadas por nossas benzedeadas/rezadeiras no Brasil, sobretudo a proximidade de elementos do cristianismo como veremos mais à frente, como também a questão numérica que nesses processos mágicos de cura tendem a aparecer quase invariavelmente em números ímpares, “Fazia nove fervedouros para os quais trazia lenha de sete lugares, água de sete fontes e vinho de sete tabernas.”

Certamente essas pessoas que chegam ao Brasil, condenadas pela Inquisição e Caça às Bruxas acusadas de feitiçaria, contribuíram para a transmissão de conhecimentos que se somam aos saberes indígenas dos povos originários que aqui já estavam antes da invasão e os saberes africanos, trazidos pelos escravizados (CÂMARA,2020), pois é inegável a grande semelhança sobretudo nas rezas e nas doenças que são tratadas por alguns desses condenados.

Condenado em 1690, recebeu açoites, cárcere a arbítrio, instruções nas coisas da fé, penitências espirituais e como acumulava dois grandes crimes, considerados, na época, infames contra a religião e a moralidade, foi condenado a 6 anos de degredo para o Brasil. O ‘Cobra’ era mulato livre de 78 anos que vivia de pedir esmolas. Seu pai fora escravo de Vasco Figueira, ‘O Velho’, e sua mãe era escrava liberta. Acusado de feitiçaria [...] Entre suas várias orações supersticiosas, destaca-se aquela que pretendia curar o mau olhado. (PIERONI, 1991, p.173).

De acordo com Câmara, Sans-mingo, Câmara, (2016, p.225) “Apesar da perseguição empedernida que sofreram, as bruxas, reduzidas em número, resistiram, resignificaram sua missão, redimensionaram sua atuação e seguem entre nós sob a configuração das benzedeadas. A bruxa não morreu”. Ainda segundo os autores “a bruxa ancestral nunca foi sumariamente erradicada como se pretendia. Ela seguiu existindo repaginada e camuflada sob outros nomes;

no Brasil, foi rebatizada como curandeira, rezadeira, benzeadeira e parteira”. (CONCEIÇÃO, 2008 apud CÂMARA, SANS-MINGO, CÂMARA 2016, p.225).

Na colônia os conhecimentos se mesclam e na falta de médicos de ofício, os quais quando presentes encontravam-se nos grandes centros urbanos, as mulheres sábias continuaram a exercer suas práticas de cura, prevenindo e remediando doenças fazendo uso de conhecimentos milenares que agora se somam aos conhecimentos dos originários e escravizados presentes na colônia. Contudo as perseguições continuam como nos fala Del Priore:

Além de investir em conceitos que subestimavam o corpo feminino, a ciência médica passou a perseguir as mulheres que possuíam conhecimentos sobre como tratar do próprio corpo. Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos curandeiras e benzeadeiras, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar as entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. (DEL PRIORE, 2010, p.81).

Ainda segundo a autora tais práticas e conhecimentos fizeram dessas mulheres alvos das autoridades científicas e eclesiásticas do período, mesmo estando tais mulheres dando assistência e curando em lugares longínquos onde a medicina oficial nem sonhava em alcançar.

Desprovidas de recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetrando assim uma subversão: em vez de médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, resgatavam a saúde. As concepções da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização das plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos havia os saberes vindos da África baseado no emprego de talismãs, amuletos e fetiches e as cerimônias de curas indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (DEL PRIORE, 2010, p.89).

Por muitos séculos persistiu esse embate entre a medicina oficial e as práticas de cura tradicionais, provavelmente a falta de profissionais na área e sua dificuldade em alcançar a população mais carente - não teriam como pagar pelos serviços- e as que habitavam longe dos grandes centros, acentuaram a preferência das pessoas pelos tratamentos tradicionais realizados pelas benzeadeiras, rezadeiras, parteiras¹, raizeiros e etc. “Poderosas graças a ineficiência de

¹ O ofício saberes e práticas das Parteiras tradicionais do Brasil foram reconhecidos como patrimônio de nosso país. Após algumas tentativas de reconhecimento, visto que o primeiro pedido para tal é de 2011, no dia 09/05/2024 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconhece a atividade destas mulheres, que sustentam a cultura que por muitos séculos foi responsável pela nascimento e manutenção da vida de milhares de brasileiros.

outros práticos e a ausência de médicos” (Del Priore, 2010, p. 94). Ainda segundo a autora, o pudor, a vergonha das mulheres em se tratar com médicos, (homens), era outro fator que acentuava a busca por cuidados das mulheres detentoras das práticas de cura. E essa preferência, essa crença, que a população tinha em cuidar de sua saúde e prevenir-se dos males fazendo uso das “médicas do povo” permaneceu forte por muito tempo.

Chagas (2004) em seu trabalho de título “As singularidades da modernização na Cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930.” Ao falar sobre os processos de cuidados com a saúde da população nessa cidade demonstra-nos o embate existente entre os saberes/autoridades médicas e os saberes das rezadeiras na Paraíba do século XX.

Uma das preocupações das autoridades era a recusa das mães de vacinarem seus filhos, o que se constituiu numa afronta ao saber médico, que dava a palavra final sobre o estado de saúde, dizendo se o enfermo poderia ou não continuar sob o teto familiar e recomendando o tipo de tratamento que ele deveria receber.[...] Diante disso, os médicos desejavam impor outros hábitos e costumes aos pobres, tendo em vista ser comum às mães tratarem as doenças dos seus filhos com as rezas e os chás de ervas indicados pelas velhas rezadeiras, razão pela qual desobedeciam aos chamados da campanha de vacinação e não levavam seus filhos à Repartição de Higiene. Nessa atitude, também se identifica a disputa do saber. De um lado o médico sanitaria impõe às classes pobres o conhecimento médico-científico, e do outro desqualifica o saber das velhas rezadeiras que insistiam em fazer valer suas receitas à base de banho de ervas, chás e defumadores. (CHAGAS, 2004, p. 244).

Foi possível também perceber, mediante alguns trabalhos consultados, que a popularidade das práticas de cura não estava reservada apenas as populações mais carentes, ou como dito muitas vezes “ignorantes”, é possível notar posicionamentos favoráveis a tais práticas como por exemplo um fragmento de jornal apresentado por Weber (1997) que demonstra a posição de um cronista do jornal de porto alegre em 1915:

Estou com a gente do outro tempo. Para certas doenças não se quer ciência de doutores, nem mixórdias de botica uma hábil benzedura - é o suficiente... e nada mais. Um raminho de arruda colhido na sexta feira ou alecrim molhado na água benta com meia dúzia de palavras santas – é o melhor. (AREIMOR,1915 apud WEBER, 1997, p.271).

O tempo passa e essas mulheres assumem a responsabilidade de continuar cuidando da vida das pessoas, sobretudo daquelas mais humildes que certamente não tinham condições de pagar por atendimentos médicos, sendo essas mulheres as médicas do povo. E assim fazendo uso dos saberes que foram passando de geração em geração as benzedadeiras/rezadeiras,

curandeiras e parteiras, auxiliaram a população com seus infortúnios e até os dias atuais temos ainda a presença dessas mulheres com seus saberes e usando-os para ajudar suas comunidades e a quem as procurar.

De acordo com Câmara (2020) existem ainda hoje na Galiza mulheres com práticas de cura bem semelhantes às de nossas benzedoras brasileiras, a autora aponta para as práticas dessas mulheres ibéricas e afirma que ao final do século XIX e início do século XX, imigrantes destes países vieram para o Brasil. Certamente a chegada dessas benzedoras europeias ao país aumentou a diversidade das práticas de cura e benzeção no Brasil, que embora já tivesse benzedoras com práticas semelhantes a das meigas, saludoras, santeiras e cuspideiras apontadas por Câmara cada uma dessas terá características próprias.

As práticas mágicas de cura que transformadas em artes demoníacas, resistem e nos chegam aos dias atuais, poderíamos até chamá-las de Bruxaria/ feitiçaria contemporânea, porém devido à imagem aviltante que a caça às bruxas construiu em relação a essas palavras, faz com que certamente as curandeiras, benzedoras, parteiras, xamãs entre outras, deixem de reconhecer a ancestralidade que existe e ligam suas práticas religiosas à das mulheres acusadas de bruxaria, demonstrando que não apenas as práticas mágicas sobreviveram, mas também a prática de as persegui-las, julgá-las, como sendo demoníacas. A desumanização e o caráter diabólico que foram atribuídos a essas mulheres durante os séculos de perseguição, legaram à humanidade uma repulsa a “Bruxa” que faz com que a maioria das pessoas que detém o conhecimento para praticar ações de cura e benzeção, não se identifiquem com tal figura vista como representante do mal.

4- PRÁTICAS DE CURA DAS BENZEDEIRAS, UM OFÍCIO EM VIAS DE EXTINÇÃO.

Muito antes do aparecimento da medicina moderna as práticas de cuidados das doenças que atingiam as pessoas já eram realizadas. Em muitas situações essas doenças eram tratadas com práticas mágicas e conhecimentos de elementos da natureza que associados restabeleciam a saúde dos enfermos. Um exemplo disso é o conhecimento que algumas mulheres que foram chamadas de bruxas tinham sobre ervas e que utilizavam como, analgésicos, tranquilizantes, faziam uso de ervas capazes de aliviar as dores do parto e outras como a beladona que age como antiespasmódicos capaz de evitar abortos espontâneos. (MARTINS; CLARINDO; CAMPOS,2023). O uso dessas plantas com poderes curativos também foi muito utilizado pelas mulheres que realizavam curas em nosso país, que tanto lançavam mão dos espécimes existentes em nossa terra como dos que por ventura foram trazidos pelo colonizador. “As mulheres e suas doenças moviam-se em um território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que as ligavam ao quintal a horta e as plantas”. (Del Priore, 2010, p. 94).

O contraste existente entre esses saberes milenares e a autoridade dos saberes médicos, contribuiu ainda mais para a transformação das práticas de curas populares, realizadas pelas rezadeiras e bezendeiras, em saberes menores e que seriam combatidos duplamente pela medicina e religião oficiais. “Em terras brasileiras, as bruxas, curandeiras e rezadeiras, são vistas como ameaças não apenas aos saberes médicos científicos, mas antes à moral social e religiosa estabelecida.”. (MARTINS; CLARINDO; CAMPOS,2023).

De acordo com Santos 2009, as rezadeiras diferentemente dos tratamentos médicos lidam com as doenças sem fazer uma divisão dualista entre corpo e espírito. Assim sua área de atuação é bem mais ampla, pois como podemos notar:

Além dos males já elencados, os consulentes buscam essas mulheres com o intuito de resolverem também seus problemas nos campos afetivo e profissional; para recuperarem e/ou preservarem a potência sexual; para selarem uma decisão importante e que afetará suas vidas; para encontrarem pessoas e objetos perdidos, além de bens roubados; para pedirem uma boa colheita; para que as parturientes tenham um bom parto; para se livrarem de um encosto, resolverem conflitos familiares e combaterem vícios (SANTOS, 2005; THEOTONIO, 2011, Apud CÂMARA, 2020, p. 505).

Segundo Tosi, 1998, práticas semelhantes a essa puderam ser observadas em comunidades rurais na Inglaterra e na Europa continental pelo menos quatro séculos atrás de acordo com ela:

Nas comunidades rurais da Inglaterra e da Europa continental dos séculos XVI e XVII existia uma variedade considerável de praticantes da chamada magia benéfica que podiam ser identificados por diversos nomes: mulher sábia ou homem sábio, bruxa ou bruxo, curandeiro ou curandeira. Os serviços fornecidos por esses/as praticantes incluíam a adivinhação, o achado de objetos perdidos, a identificação de ladrões, a prática da medicina popular, os encantamentos, a magia amorosa ou de proteção e, às vezes, quando o praticante era uma mulher, a obstetrícia. (THOMAS, 1997 apud TOSI, 1998, p.374)

Em seu trabalho de pesquisa sobre as benzedeadas de Cacimba de Dentro, a fim de demonstrar quem são essas mulheres Joalison Costa fala:

São mulheres de baixa renda que vivem na simplicidade em lugares periféricos, pessoas que não cobram remuneração e nenhum tipo de lucro pessoal ou coletivo pela realização do ofício. São por grande maioria mulheres de idade avançada, conhecedoras de uma variedade de ervas e plantas medicinais que segundo seus depoimentos possibilitam a cura de muitas enfermidades. Senhoras devotas dos santos católicos e que participam de romarias e peregrinações como forma de agradecimento ao sagrado. Os conhecimentos dessas mulheres foram adquiridos de geração em geração caracterizando uma tradição oral. (COSTA, 2018, p.11)

Neste sentido podemos observar varios aspectos comuns às benzedeadas, que vão de não cobrar por seus dons de cura à serem predominantemente mulheres. Ponto importante a se destacar é o sincretismo dessas mulheres que demonstram-nos também que a benção independe de religião, muitos dos seus adeptos são católicos, outros de religiões de matriz africana, e outros até de religiões evangélicas como nos diz GILL:

Estes benzedores, em sua maioria mulheres, podem ser classificados (a fim de facilitar a compreensão) como benzedores de tradição e benzedores de religião. Os primeiros seriam aqueles que aprenderam as práticas com parentes, amigos, vizinhos, sobretudo através do ato da observação. Já os segundos seriam os vinculados a uma religião em específico, como os cuidadores evangélicos encontrados na colônia de São Lourenço do Sul ou os umbandistas da cidade de Pelotas. Nos terreiros é comum que os filhos de corrente aprendam com as mães ou pais de santo a benzer, após o recebimento de um espírito. (GILL, 2010).

Para Mendes e Cavas (2017, p.7)

O sincretismo religioso das benzedeadas e dos benzedores quilombolas, pode ser considerado como um aspecto resultante da interculturalidade estabelecida no período colonial brasileiro em contextos históricos promovidos pelo encontro entre saberes e fazeres indígenas, africanos e europeus, além de outras contribuições culturais na formação dos seus cosmos particulares.

Certamente esse sincretismo engendra múltiplas visões a respeito de tais práticas, tanto na visão popular quanto nas relações de alteridade entre seus praticantes. É nesse sentido que podemos observar o que nos mostra Santos, 2007 em suas entrevistas às rezadeiras de Cruzeta-RN e a populares que fazem uso ou conhecem algumas práticas:

O relato criado pelas pessoas da cidade a respeito da diferença entre rezadeira e feiticeira está ligado à conduta e aos elementos mágicos que cada rezadeira manipula no seu cotidiano 'feiticeira bruxa tanto tira quanto bota, e a rezadeira é de rezar para olhado, quebranto, uma dor, uma pancada, uma reza diferente, assim como Jesus andava curando as pessoas. (informação verbal maio de 2006 apud SANTOS, 2007).

É possível perceber ainda, com base no trabalho de Santos, o resultado do sincretismo apontado por Gill, (2010); Mendes e Canvas, (2017), observando a fala de uma das rezadeiras entrevistadas por Santos, segundo ele:

Na visão das pessoas de Cruzeta as feiticeiras transmitem um aspecto de mistério e tem fama de fazer feitiço para prejudicar pessoas. Um exemplo é o caso de dona Rita de Ramim que afirmou receber caboclos brabos. Na sala da casa, há um altar com várias imagens; dentre elas a de Nossa Senhora Aparecida [...] jarros com flores artificiais, copos com água e velas brancas. No entanto, apenas uma rezadeira manifestou sua opinião a respeito de Dona Rita de Ramim. Falou que ela não era rezadeira uma vez que rezadeira não recebia espírito. (SANTOS,2007).

Observando o que é dito pela rezadeira em relação à outra podemos notar uma incorporação do discurso do colonizador. A tentativa de definir o que é ou não pertencente ao grupo das rezadeiras. Nos diversos trabalhos pesquisados é dado maior ênfase a rezadeiras que se dizem católicas, em poucos se mencionam benzedadeiras das religiões de matriz africana, a final é sobretudo o elemento africano que será o mais combatido como nos mostra Weber (1997), segundo a autora os elementos indígenas seu conhecimento sobre a flora nativa tinham uma certa aceitação por alguns médicos do Rio Grande do Sul, já as manifestações africanas deveriam ser evitadas/combatidas:

[...] estão presentes em todos os textos de médicos diplomados (ou em vias de): até pode relevar as práticas indígenas, mas não as práticas originárias da população africanas, tidas como "curandeiragem" e feitiçaria. As práticas "indígenas" eram tomadas como parte de um passado mítico, distante. Os negros egressos da escravidão eram a ameaça a ser controlada. (WEBER,1997, p.160).

Existem vários tipos ritualísticos na benzeção nos dias atuais, que podem variar, seja nos materiais utilizados (carvão, água, plantas, tecido, agulha linha) ,seja nas especialidades,(há quem benza apenas animais) como também nas formas de ingresso a esses grupos, que segundo Gill (2010) podemos classificar para um melhor entendimento como, benzedores de tradição e benzedores de religião, onde os primeiros seriam herdeiros de uma tradição que foi repassada e/ou aprendida com o método da observação, enquanto o segundo estaria ligado a religiosidade na maioria das vezes ligada as religiões de matrizes africanas.

Em seu trabalho, Santos (2009), lista algumas das doenças que são tratadas por rezadeiras e as define:

As doenças de rezadeiras são aquelas, cuja concepção e diagnóstico acabam por ser definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras. De acordo com as observações realizadas, algumas doenças de rezadeiras são as seguintes: olhado; quebrante; vento caído ou vento virado; espinhela caída; carne triada; isipa, fogo selvagem e mal-demente e cobreiro. (SANTOS,2009, p.21).

É interessante também notarmos que essa prática de benzedura realizada por rezadeiras tem segundo Santos a especificidade de poder ser realizada à distância sem que o cliente, animal ou objeto esteja na presença da rezadeira, bastando algo que pertença a quem vai receber a reza para que essa possa ser realizada e suprir seus efeitos.

Dentre as doenças de rezadeiras listadas por Santos (2009), acreditamos ser a mais comum nos dias atuais o mau olhado/quebrante, talvez pelo fato de, “Doutor nenhum dá jeito a olhado. Quem dá jeito é a reza de Deus”. (Informação verbal, Dona M. J. B., abr. 2006 apud SANTOS,2009, p.21).

Em alguns dos trabalhos analisados encontramos uma variedade de doenças e suas respectivas orações que embora muitas vezes separadas por séculos, mantiveram uma originalidade que demonstra claramente o poder da oralidade e da memória na transmissão de tais conhecimentos.

Um artigo que data de 1911 escrito por Alcides Bezerra para a revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP) n°3 é um ótimo registro sobre as práticas mágicas das rezadeiras na Paraíba com o título *Resto de Antigos cultos na Parahyba*, o autor vai fazer análises das manifestações populares de crença e de cura praticadas pelas pessoas naquele século, buscando elementos das culturas antigas que provavelmente se mesclaram as práticas e saberes de outras sociedades antigas e que chegaram ao presente. Embora o autor demonstre não acreditar nessas atividades mágicas, apontando-as como supersticiosas, seu trabalho é

importante, pois demonstra que as práticas das rezadeiras persistiam e ainda estavam bem presentes na vida das pessoas, além do mais Alcides Bezerra descreve as práticas dessas mulheres, escrevendo sobre as doenças tratadas por elas como também as orações utilizadas para a cura de cada doença. Em sua transcrição da oração para a cura do mau olhado temos:

Com deus te botaram, Com quatro eu tiro, Com deus te botaram, Com quatro eu tiro, Com deus te botaram, Com quatro eu tiro, Dois de são João batista, Dois de N.S. Jesus cristo, F... (nome de batismo) assim como nasceste livre e são de olhado, quebranto e olhos malvados, assim vai-te para as ondas do mar. (BEZERRA, 1911, p. 33).

Outros autores que pesquisamos escreveram as orações/rezas que são utilizadas pelas benzedadeiras para algumas das doenças que por elas são tratadas, nos deteremos a analisar algumas que se propõe a curar mau olhado que é praticamente a doença mais comum dentre as tratadas pelas benzedadeiras.

Na reza apresentada por Santos (2009) temos:

[...] Com dois te botaram, com três Jesus benzeria, com as palavras de Deus Pai, o Espírito Santo e a Virgem Maria. Fulano, botaram olhado nos seus cabelos, no seu tamanho, no seu corpo, na sua boniteza, na sua feiúra, na sua riqueza, na sua pobreza, na sua sabedoria, na sua alegria, na sua doença [...]. (Informação verbal, Dona B., fev. 2006) apud (SANTOS,2009, p.16).

Na transcrição de CÂMARA, SANS-MINGO, CÂMARA,2016 temos; “Quebrante e mau olhado, te botaram com dois olhos, excomungado. Botaram com dois olhos e eu te curo só com um. Este quebrante e mau-olhado vai pro cu de quem botou. Vai-te, quebrante e mau olhado, pras ondas do mar sem fim”. Aqui vemos uma reza mais simples e relativamente pequena se comparada com a transcrita por Santos. Interessante notarmos nesse caso a ausência da trindade católica ou de algum santo católico o que é bem comum nas práticas de benzeção e como veremos no terceiro caso transcrito por Pierone;

Deus te fez e Deus te criou, Deus perdoe a quem te mal olhou, dois te olharam mal, três te olharão melhor, que é Deus pai, Deus filho e Deus Espírito Santo, três pessoas em um só deus verdadeiro. Santa Ana pariu a virgem a virgem pariu Jesus, santa Isabel pariu João Batista assim como isso é verdadeiro, vós virgem tirai esse mal desse corpo, se na cabeça o tire a bem aventurada santa helena, se é nos braços o tire o bem aventurado são marcos, se é na cintura o tire a virgem pura se é na barriga o tire a bem aventurada santa margarida [...]. (PIERONI, 1991, p.173).

Notamos aqui nesse fragmento algumas pequenas semelhanças entre as rezas para a cura do mau olhado, como por exemplo, o uso dos números em relação de combate ao que fora feito para causar o mal. “dois te olharam mal, três te olharão melhor” presente na oração atribuída ao “*Cobra*” condenado pela inquisição em 1690 sendo degredado para o Brasil. “Botaram com dois e eu te curo com um só” demonstrado por Câmara; Sans-mingo; Câmara, “Com dois te botaram, com três Jesus benzeria” apresentado por Santos. Assim é possível perceber que apesar de séculos de separação, essa tradição de cura, embora sofra algumas alterações, conseguiram ser transmitidas de geração em geração.

Outro fator que nos chama atenção é a questão rítmica presente na maioria das rezas, as palavras na maioria das vezes se encaixam e ficam com uma estrutura que nos faz lembrar versos de poesia de cordel, como por exemplo, na oração utilizada para curar o mal de azia: “Santa Sophia tinha três filhas: uma cosia, uma bordava, uma curava mal de azia”. (BEZERRA, 1911, p. 33). Outro exemplo está na oração para curar dor de cabeça, mal que por vezes é atribuído a se ter levado raios de sol na cabeça: “Nossa Senhora teve Jesus sem precisar de parteira, Entrou dentro, entrou fora como o sol da macieira. Meu Jesus me ajude a tirar o sol dessa moleira. (THEOTONIO, 2010, p. 44).

Outro fator que temos em comum é o local de destino para onde se transferem os malefícios e como podemos notar em algumas das rezas por nos apresentadas, o mar ou o mar sagrado, as ondas do mar, pois esse é “considerado local de desterro é destinatário para receber o mal” (THEOTONIO, 2010, p. 43).

Esses saberes são historicamente colocados como menores, menos verdadeiros, sem base científica, mas mesmo diante da histórica tentativa de apagá-los e diminuí-los eles continuam presentes no cotidiano e compõem o campo plural da medicina popular brasileira (POHLMANN, 2007 apud MARTINS; CLARINDO; CAMPOS, 2023, p.214).

Na maioria dos relatos de benzedeadas/rezadeiras da atualidade, fica transparente a dificuldade de difusão dos conhecimentos a respeito da cura e de seus rituais, alguns por acreditarem não poder de forma alguma transmitir esse saber, e a grande maioria relata não perceber interesse nas novas gerações em aprender o ofício. Essa transmissão segundo Gill (2010) a dos benzedeiros de tradição, cujos conhecimentos passam de pessoa a outra ou até mesmo em forma de observação, porém existem os benzedeiros de religião que esses segundo a autora estariam ligados as religiões de matrizes africanas:

[...] já os benzedores de religião são encontrados em número considerável, muitos deles relacionados à umbanda.

Em Pelotas, por exemplo, são vários os terreiros de umbanda. Em cada um deles existe uma mãe ou pai de santo, a quem cabe ensinar aos seus filhos de corrente os fundamentos da religião. Muitos desses mestres dedicam-se à atenção e à cura de moléstias, desde as mais simples, tratadas através de simpatias, até as mais complicadas, que podem ser resolvidas com benzeduras e/ou serviços. (GILL, 2010).

Aparentemente as práticas de benzedura e de curas relacionada com as religiões de matriz africana parecem ter mais força em continuar, enquanto as tradicionais, que não necessariamente estão ligadas a uma determinada religião, encontram-se, segundo relatos dos próprios praticantes, em declínio. Como nos conta Gill (2010) “Embora tenha afirmado a preocupação em ensinar o que aprendeu a outras pessoas, pensa que a benzedura, tal como a prática, está em vias de desaparecer, pois não percebe um desprendimento das pessoas jovens em ajudar as pessoas mais necessitadas”. Segundo Costa, (2018):

Desse modo denota-se nos diálogos que a “magia” da benção para algumas é de fato algo místico, de modo que o medo de perder a sabedoria dessa prática na hora de ensinar é o que mais chama a atenção, a crença de que não se pode ensinar para pessoas do mesmo sexo, ou a que não pode ensinar de nenhum jeito, é algo individual de cada benzedor. (COSTA,2018, p.16).

Com isso notamos que cada benzedor vai encontrar suas limitações na hora de transmitir seus conhecimentos, seja por motivos próprios da crença, seja por falta de interesse das pessoas pela prática, esperamos que continue a existir, que resista e que não venha a desaparecer, pois esse legado, essa herança que muitas mulheres perderam suas vidas por simplesmente ajudarem pessoas a aliviarem-se de seus tormentos, (MARTINS;CLARINDO; CAMPOS,2023) é de um valor imensurável e agora não só apenas por aquelas que perderam suas vidas, mas também por todas as pessoas que dedicaram e dedicam as suas a essa atividade.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho acreditamos ter demonstrado que as práticas de cura e benção criminalizadas pela igreja Católica Apostólica Romana no período Medieval resistiram e existem ainda hoje no nosso cotidiano, obviamente que diante da figura monstruosa da bruxa criada pela Inquisição, dificilmente o termo bruxaria com toda a carga depreciativa que lhe foi atribuída seria aceito de bom grado em relação às práticas mágicas relacionadas a benção e cura nos dias atuais, o questionamento às práticas de cura das rezadeiras e benzedoras presente no título do trabalho, não pretendeu de forma alguma ofender as mulheres e homens que tanto ajudaram e continuam ajudando as pessoas com suas rezas e rituais, mas sim tentar demonstrar o caráter não demoníaco desse ofício que representou acima de tudo uma demonstração do poder e da resistência feminina, pois as mulheres perseguidas mesmo em meio a tantas atribuições e ameaças conseguiram garantir a continuidade desse ofício de cuidado com o próximo. Rezadeiras, benzedoras, parteiras, entre outras, são as principais representantes das práticas mágicas de cura. De certo as sociedades contemporâneas devem muito a essas mulheres que tanto cuidaram da saúde das pessoas e na resolução de problemas e continuam fazendo, porém nota-se a falta de um reconhecimento do grande valor que essa cultura tem. Certamente ainda há muito a ser pesquisado, novos métodos podem ser utilizados na busca por mais elementos de ligação que deixem ainda mais claro essa correspondência, entre as práticas mágicas ancestrais e as contemporâneas, mesmo assim acreditamos ter atingido nosso objetivo e com grande satisfação, satisfação que certamente abre caminho para que se façam novas pesquisas a respeito desse assunto tão rico e tão interessante.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Alcides. *Restos de Antigos Cultos na Paraíba*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, João Pessoa, 1911. vol. 3, p. 9-41.
- CÂMARA, Yls Rabelo; **Das bruxas, saludadoras, santeiras, cuspideiras e meigas europeias às atuais rezadeiras tradicionais brasileiras**, caminhos, Goiânia, v. 18, n. 2, 502-514, 2020.
- CÂMARA, Yls Rabelo; SANZ-MINGO, Carlos; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. **Das bruxas medievais às benzedadeiras atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar** – uma pesquisa exploratória. Boitatá, v. 11, n. 22, p. 221-236, 2016
- COSTA, joalison de souza. *As velhas benzedadeiras/rezadeiras cacimbenses* [manuscrito]/Joalison de Souza Costa – 2018. Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, centro de Humanidades.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. *As singularidades da modernização na cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 a 1930*. s.p. 2004. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco.
- DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*, tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 49. ed. São Paulo: Global, 2009
- GILL, Lorena Almeida. *Benzedeiros em Pelotas (RS): entre o dom, a tradição e a religião*, X Encontro Estadual de História; o Brasil no Sul: Cruzando fronteiras entre o regional e o Nacional- jun, 2010
- GINZIBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI E XVII*/Carlo Ginziburg; tradução Jônatas Batista Neto - 1ºed - São Paulo: companhia de letras, 2010.
- MARTINS; CLARINDO; CAMPOS, *Bruxas, curandeiras e benzedadeiras: existências e resistências* Revista Mosaico – Volume 15 – Nº 23 – Ano 2023 ISSN (versão online): 2176-8943
- MENDES, Dulce Santoro; CAVAS, Claudio São Thiago. *Benzedadeiras e benzedeiros quilombolas* – construindo identidades culturais. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 3-14, jan./mar. 2018
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *Bruxaria e História: as práticas mágicas no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1991.

PORTELA, Ludmila Noeme Santos. **“Os pilares da fogueira”: a construção do discurso cristão contra a bruxaria na Idade Média (séc. XIV)** *Dimensões*, v. 39, jul.-dez. 2017, p. 197-219. ISSN: 2179-8869

_____. **Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média** *Religare*, ISSN: 19826605, v.14, n.2, dezembro de 2017, p. 252-281.

PIERONI, Geraldo. **Vadios Heréticos Bruxas: Os degredados portugueses no Brasil Colônia**. Dissertação (Mestrado em ciências sociais) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, abr,1991

SANTOS, F. V. dos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta, na região do Seridó Potiguar**. *Revista CPC*, São Paulo, n. 8, p. 6-35, 2009

_____. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN**, 2007. 196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

Theotonio, Andrea Carla Rodrigues. **Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia - PB / Campina Grande**, 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de CampinaGrande, Centro de Humanidades.

TOSI, Lucía. **Mulher e Ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna**. *Cadernos Pagu*, [S.l.], n. 10, p. 369-367, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>. Acesso em: 10 outubro. 2023.

WEBER, Beatriz Teixeira: **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na república Rio-Grandense - 1889/1928/ Campinas SP 1997**

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto. **Bruxas: figuras de poder**. *Revista Estudos Feministas*, v.13, n. 2, p. 331-341, 2005.

SITES

[Ofício, saberes e práticas das parteiras tradicionais são Patrimônio do Brasil — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional \(www.gov.br\)](http://www.gov.br) < acesso em; 01 de jun.2024.>

[Ofícios e saberes das parteiras é reconhecido como patrimônio nacional \(almapreta.com.br\)](http://almapreta.com.br) < acesso em; 01 de jun.2024.>